

A PARTICIPAÇÃO MASCULINA NA DANÇA CLÁSSICA: DO PRECONCEITO AOS PALCOS DA VIDA

Diego Ebling do Nascimento¹

Mariângela da Rosa Afonso²

Resumo

O senso comum costuma relacionar o *ballet*, quando não é dançado por meninas, com a homossexualidade. Este preconceito reflete no afastamento de muitos meninos que poderiam gostar de dançar. Sendo assim, este estudo busca discutir questões sobre as relações de gênero e o possível preconceito existente em relação aos meninos que dançam *ballet* clássico, a partir da visão dos responsáveis. A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo-descritivo e caracterizou-se como um estudo de caso. O público alvo foram os responsáveis pelos meninos praticantes de *ballet*. Para a coleta dos dados foi realizada uma entrevista semiestruturada com os responsáveis, sendo um do sexo masculino e outro do sexo feminino. Como resultado percebemos que os pais ou os responsáveis pelos garotos não demonstraram preconceito, pois todos os meninos recebem apoio para continuar dançando. Há, porém, vários indícios de que parte da sociedade ainda se mostra preconceituosa.

Palavras-chave: Preconceito; Sexo Masculino; Família; Gênero; *Ballet*

1 INTRODUÇÃO

¹ Diego Ebling do Nascimento. Mestre e Licenciado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Especialista em Dança e Consciência Corporal pela Universidade Gama Filho (UGF). Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Endereço: Rua Octávio Peixoto, nº 810, Pelotas/RS, Brasil. CEP: 96040-770. Endereço: (41) 9782-0436 / (53) 8115-1829. E-mail: digue_esef@yahoo.com.br

² Pos-Doutora em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui graduação em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (1985), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1992) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Pelotas. Rua Luiz de Camões, 625 - Bairro Tablada CEP: 96055-630 - Pelotas/RS, Brasil. Telefone: (53) 3273-2752. E-mail: cafonso@terra.com.br

A área de estudos em gênero e sexualidade vem crescendo muito nos últimos anos. Percebemos isso através do grande número de eventos que tem surgido com esta temática e da inclusão do Grupo de Trabalho 23 (GT23) na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)³, intitulado “Gênero, sexualidade e educação”, o qual tem a preocupação de investigar e debater questões teóricas e temáticas dos campos dos gêneros, das sexualidades e da educação sexual.

O termo gênero está relacionado a fatores sociais e culturais. Caracteriza-se por construções feitas ao longo do tempo na sociedade. Neste ponto de vista gênero é constituído por relações sociais com bases na percepção de diferenças entre os sexos. Gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais. Saber este pensado como sendo a compreensão produzida pelas culturas e sociedades sobre as relações humanas e ainda um modo de ordenar o mundo (SCOTT, 1990; SCOTT, 1994).

A dança, por ter como instrumento principal o corpo, está muito ligada às questões de gênero e sexualidade. Por esta razão, nos últimos anos, muitos trabalhos também estão sendo desenvolvidos relacionando estas três temáticas. Exemplo disso são os trabalhos realizados por Hanna, 1999; Santos, 2009; Andreoli, 2010; Nascimento e Afonso, 2011.

Neste trabalho, especificamente, serão realizadas reflexões acerca das relações entre o *ballet*, os meninos e o preconceito.

O *ballet* é uma manifestação cultural cuja prática é encontrada em diversas partes do mundo. Suas variadas escolas (russa, americana, francesa e cubana) servem de referência e inspiração para o trabalho técnico que é feito nesses diferentes grupos. Tais referências servem à própria modalidade e também a outros estilos de dança. A palavra *ballet* tem origem do verbo *ballare*, que no italiano significa dançar.

Ao contrário do que muitos pensam, o *ballet* surgiu na Itália, e não na França (GARCIA e HAAS, 2006). Neste período grandes espetáculos que misturavam dança, canto e poesia eram realizados nos salões da corte na Itália, nascendo assim o *ballet* clássico (GULAK, 2007). Mas foi na França, durante o reinado de Luís XIV, que o *ballet* teve seus princípios estabelecidos pela *Académie Royale de Danse*, fundada em 1661 pelo próprio rei (HAAS, GRACIA e BERTOLETTI, 2010).

³ <http://www.anped.org.br/>

O *ballet* clássico é considerado uma forma de arte altamente desenvolvida (HAAS, PLAZA e ROSE, 2000) e devido a sua longa história e tradição é um dos mais complexos estilos de dança (KRAUSE, 2009).

Esta prática proporciona vivências corporais, sociais e afetivas (SILVA, PAULA e SOMÕES, 2011), auxilia no desenvolvimento da autoestima, da autoconfiança e do senso de responsabilidade (FALSARELLA e AMORIM, 2008), além de auxiliar na construção de amizades (FUHRMANN, 2008). Ele desperta emoções, libera tensões e proporciona equilíbrio entre corpo e mente (DIAS, 2006). Para tanto, é necessário ao bailarino domínio total de seu corpo, para poder executar os movimentos com leveza e agilidade (PRATI e PRATI, 2006).

No surgimento do *ballet* apenas os homens dançavam, mas com o passar do tempo esse espaço foi conquistado pelas mulheres. E mais do que isto, o *ballet* passou a ser caracterizado como uma dança tipicamente feminina. Esta mudança cria, então, nos dias de hoje, um espaço para a manifestação do preconceito. Atualmente, o homem que dança *ballet* tem sua masculinidade comprometida socialmente, pois se construiu uma visão de que esta manifestação cultural quando praticada por homens é realizada apenas por homossexuais (DOMINGUES e BANDEIRA, 2010).

Conforme Bourcier (2001) destaca, a figura masculina tinha sua presença central no balé de corte. Hanna (1999) lembra que a igreja era dominante e excluía as mulheres dos papéis. “Mulheres bem educadas não apareciam em palcos públicos, os homens dançavam os papéis das mulheres como travestis” (HANNA, 1999, p. 184). Luís XIII dançou e assumiu papéis de mulher em cena. Luís XIV da França também. Porém, com o surgimento do balé romântico foi a vez das bailarinas entrarem em cena, sendo as principais figuras dos espetáculos, enquanto os homens passaram a ser coadjuvantes.

De acordo com Domingues e Bandeira (2010), a ausência dos homens no cenário da dança ocorre porque essa prática envolve certa sensualidade e leveza, características culturalmente atribuídas às mulheres. Hanna (1999) também buscou explicar porque as mulheres e os homens *gays* predominam na dança na cultura ocidental. A autora diz que

embora a dança seja uma forma de arte, ela entrelaça ramificações de bailarinas, coreógrafos e produtores como indivíduos e membros de grupos étnicos e/ou econômicos e de papéis sexuais, também num ambiente da história cultural marcado pelos movimentos de liberação das mulheres e dos *gays*, e pelas reações correspondentes (HANNA, 1999, p.180).

Além disso, ela traz muitas outras questões que tentam dar conta de entender o porquê dos homossexuais e das mulheres estarem muito envolvidos com o universo da dança. Hanna (1999) mostra que as mulheres e os *gays* são grupos estigmatizados e que, ao longo da história, vem sofrendo discriminações e preconceitos. Segundo a autora, tais fatores podem fazer com que este público procure fugir dos constrangimentos econômicos e sociais, tendo encontrado na dança uma opção.

Com este panorama fica mais fácil compreender porque ainda há carência do público masculino na dança clássica. Sendo assim, o interesse pelo tema destas reflexões se dá pelo número reduzido de bailarinos homens e por ainda haver poucos estudos que analisam a participação do sexo masculino na dança clássica.

Um estudo realizado por Nascimento, Nascimento e Oehlschlaeger (2011) trouxe dados que demonstram o número reduzido de homens dançando em Pelotas, RS. Apenas 23,3% dos praticantes de dança da cidade são homens. E esse dado fica menor ainda se nos referirmos especificamente à modalidade *ballet* clássico, que apresenta apenas 20 homens dançando de um total de 403 dançarinos.

Andreoli (2010) discutiu em sua pesquisa de mestrado as noções de corpo e gênero na dança. O autor relata que a associação da dança com a homossexualidade é um elemento marcante na fala de seus entrevistados.

Logo, uma hipótese para o distanciamento dos homens na dança pode estar relacionada ao preconceito e à discriminação, pois ambos estão fortemente presentes em nossa sociedade. Heller (1989) define preconceito como um pré-julgamento existente independentemente da experiência. Por meio do preconceito elabora-se um falso juízo provisório. Para Mezan (1998, p. 226) “preconceito é o conjunto de crenças, atitudes e comportamentos que consiste em atribuir a qualquer membro de determinado grupo humano uma característica negativa, pelo simples fato de pertencer àquele grupo”.

Já para conceituar discriminação elegemos a autora Ferreira (2011). Ela defende que a discriminação é um passo adiante, pois, baseada no preconceito, pode-se retirar os direitos de outro ser humano. “Assim, o preconceito age mais na esfera cultural, atua sobre a moral, os valores, a intimidade pouco consciente das pessoas, suas psiques, enquanto a discriminação é mais política, implica ação concreta, atitudes concretas” (FERREIRA, 2011, p. 2). A autora complementa dizendo que ambos são negativos, porque retiram a humanidade de uma pessoa, desvalorizando-a.

Sendo assim, buscamos, através deste estudo, discutir questões sobre as relações de gênero e o possível preconceito existente em relação aos meninos que dançam *ballet* clássico, a partir da visão de seus responsáveis.

2 METODOLOGIA

Este artigo resultou de uma pesquisa de caráter qualitativo descritivo, que “tem como característica observar, registrar, analisar, descrever e correlacionar fatos ou fenômenos sem manipulá-los, procurando descobrir com precisão a frequência em que o fenômeno ocorre e sua relação com outros fatores” (MATTOS, ROSSETTO JR. e BLECHER, 2004, p. 15).

Entre as diferentes formas de pesquisa descritiva optamos pelo estudo de caso (GIL, 2002). Este procedimento é caracterizado por uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real onde um único caso é estudado para alcançar maior compreensão sobre outros casos similares.

O público alvo deste estudo são os responsáveis pelos meninos praticantes de *ballet* clássico engajados no Projeto Dançar⁴, na cidade de Pelotas, RS. Foi feita uma entrevista com uma pessoa do sexo masculino e outra do sexo feminino, responsáveis pelos meninos.

O tipo de entrevista escolhida neste estudo foi a semiestruturada. Para Triviños (1987) essa entrevista permite ao pesquisador ampliar seu leque de questões na medida em que o estudo apresenta novas demandas e, ainda, possibilita que o entrevistador faça questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e que, em seguida, ofereçam amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo na medida em que se percebem as respostas dos informantes.

Para a concretização das entrevistas foi construído um roteiro com perguntas abertas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Fizemos alguns ajustes e usamos, segundo Gattaz (1995), a transcrição, que surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade da gravação. Há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal. Há estrangeirismos e gírias, ou seja, termos que são bastante distintos

⁴ Optamos por utilizar nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

quando falados ou escritos. Tendo-se, portanto, em mente que o código oral e o escrito têm valores diferentes, procuramos corrigir esta desigualdade através da transcrição.

A maioria das entrevistas com os responsáveis dos bailarinos foram feitas em suas próprias residências. Escolha que levou em consideração evitar despesas com transporte, por exemplo, para os pais desses alunos, uma vez que eles precisassem ir ao encontro do pesquisador. Duas outras entrevistas, porém, foram realizadas na escola de *ballet* por decisão dos pais. E, outra, foi realizada no local de trabalho do pai de um dos meninos, que justificou falta de tempo para realização em outro lugar. Além das entrevistas foram analisados documentos sobre o Projeto Dançar disponibilizados pela Secretaria de Educação de Pelotas e pela escola de *ballet*.

Os dados foram analisados dentro da metodologia da análise de conteúdo. Esse método é conceituado por Bardin (2000) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de reprodução/recepção destas mensagens.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 90) “para que as respostas possam ser adequadamente analisadas é necessário organizá-las. Isto é feito por meio do agrupamento de respostas semelhantes (ou com mesmo sentido) em certo número de categorias”. Neste artigo tomamos como base os relatos que evidenciaram a presença ou a ausência do preconceito.

Além disso, tomamos como referência a abordagem de Bogdan e Biklen (1994), que afirmam que a análise é um processo que se desdobra desde as descrições ainda vagas, típica dos trabalhos iniciais da pesquisa, até seu produto final. Sendo assim, envolve tanto o trabalho de interpretação como o de tornar compreensíveis os materiais coletados.

Ainda para Bogdan e Biklen (1994), os dados são simultaneamente as provas e as pistas. Eles nos ligam ao mundo empírico e, quando sistemática e rigorosamente recolhidos, ligam a investigação qualitativa a outras formas de ciência.

3 PROJETO DANÇAR, O CENÁRIO INVESTIGADO, ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

Este estudo debruça-se sobre um projeto de dança financiado pela prefeitura de Pelotas em parceria com uma tradicional escola de *ballet* da cidade. De acordo com documentos obtidos na Secretaria Municipal de Educação (SME), o Projeto é um trabalho de inclusão

destinado a meninos e meninas da rede pública municipal de ensino. A curto e médio prazo visa desenvolver em cada aluno a responsabilidade do trabalho em grupo, a disciplina individual e a noção de cidadania, além de incentivar a criatividade. A longo prazo pretende preparar bailarinos, oferecendo subsídios para profissionalização nesta área, contribuindo para formação de indivíduos críticos e socialmente atuantes. O Projeto, idealizado pela diretora da escola de *ballet* em que acontecem as aulas, propõe-se a atender crianças e adolescentes entre oito e doze⁵ anos, com vocação física e artística para a dança (PELOTAS, 2009).

O Projeto se encontra em desenvolvimento desde abril de 2006, quando foram feitas avaliações para selecionar 60 alunos da rede municipal e preencher quatro turmas. Assim, 60 estudantes foram contemplados com bolsa integral de estudos.

Em janeiro de 2007 o convênio foi renovado com a viabilização até dezembro do mesmo ano, quando foi ampliado para atender mais 30 crianças, totalizando 90 alunos beneficiados em sete turmas.

No ano de 2008 o Projeto manteve as 90 bolsas, porém, foi aumentado o número de turmas, passando a ter nove, sendo duas de meninos e sete de meninas. Naquele ano foram realizadas dezoito aulas semanais na referida escola.

De acordo com a SME, a prefeitura destina dinheiro para compra das roupas, dos vales transporte para a locomoção dos alunos e das famílias e, além disso, os contemplados recebem meia bolsa⁶ da prefeitura. A outra metade é cedida pela escola de *ballet*, onde o projeto é realizado. Deste modo, os alunos fazem aulas gratuitamente.

Os contemplados pela bolsa passam por avaliações para observar e identificar os que não alcançaram os objetivos definidos no regulamento. A frequência é verificada nas aulas e nos ensaios e, também, o rendimento escolar do ano, pois a reprovação pode implicar no desligamento do Projeto.

4 PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO. A PERSISTÊNCIA DOS MENINOS BAILARINOS

Nesta parte do trabalho relatamos os depoimentos dos pais e das mães dos alunos do Projeto Dançar. Os responsáveis foram indagados sobre a existência de preconceitos

⁵ Essas idades são referentes exclusivamente ao ingresso das crianças e dos adolescentes no Projeto. O desligamento dos participantes acontecerá apenas se eles forem desvinculados das escolas públicas municipais ou por vontade própria.

⁶ Meia bolsa é referente à metade do valor necessário para a realização das aulas.

relacionados à prática do *ballet* e da inserção de seus filhos nele. Além disso, trazemos partes de entrevistas dadas a um dos jornais da cidade onde o Projeto Dançar acontece.

Após termos realizado a pesquisa de campo, identificamos que a escolaridade dos responsáveis desses meninos é baixa. Apenas uma mãe entrevistada possui o ensino médio completo. Os empregos citados pelos responsáveis foram de gari, de domésticas, de mecânico, de instrutor de terraplenagem, de borracheiro e de caminhoneiro.

Todos os entrevistados relataram que em certo momento da vida de seus filhos ocorreu algum tipo de preconceito relacionado à participação dos meninos nas práticas de dança. Este fato pode ser explicado pela construção social que é feita em relação à dança, onde as atividades rítmicas, como a ginástica e as brincadeiras cantadas são vistas apenas como atividades femininas.

Como já vimos na introdução deste trabalho, em um determinado momento da história da dança ela deixou de ser uma manifestação masculina e passou a ser predominantemente feminina. Segundo Bourcier, os homens retornam à cena de uma maneira mais significativa no período do nascimento da dança moderna americana, com Ted Shaw (1891 – 1972). “A partir do ano de 1916, Shaw passa a compor balés para serem dançados por homens” (2001, p. 260). Entretanto, reflexos de uma concepção machista, que relaciona a dança apenas a atitudes delicadas, sensíveis e femininas, permanecem até hoje.

Embora todos os meninos em algum momento de suas vidas tenham passado por situações de preconceito, os responsáveis não demonstraram esta conduta em seus depoimentos em relação à dança clássica. Pelo contrário, eles acreditam que o projeto contribuiu para o desenvolvimento pessoal dos seus filhos.

Esta percepção não é apenas dos pais das crianças. Também é possível verificar esta ideia por parte dos professores do Projeto. Foi o que relatou um dos professores de *ballet* ao Jornal Diário Popular “basta olhar as fotos e os vídeos de quando ingressaram no Projeto e como eles estão hoje. São verdadeiros talentos que estavam adormecidos, e isto é fácil de perceber durante as aulas, os ensaios e as apresentações” (DIÁRIO POPULAR, 2007, p. 9).

É importante salientar que na reportagem também é abordada a questão da educação, destacando a preocupação escolar existente para as crianças. Conforme a matéria, “a grande maioria dessas crianças mora na periferia da cidade e enfrenta dificuldades diárias. A partir do Projeto um novo horizonte se abriu com perspectivas de uma vida melhor, a prova está aí,

observa o professor, ao mostrarem os boletins e como as notas melhoraram” (DIÁRIO POPULAR, 2007, p. 9).

Percebemos, então, com o relato dos pais dos alunos e dos professores que as crianças demonstraram uma melhora significativa ao ingressarem no Projeto Dançar, tanto na técnica da dança quanto no ambiente escolar.

De acordo com o que foi relatado pelos entrevistados, o preconceito, em sua maior parte, aparece logo no ingresso ao Projeto. Ressaltamos partes das entrevistas feitas aos responsáveis pelas crianças e adolescentes, que podem ilustrar essas situações. Estas entrevistas se referem ao preconceito que os meninos sofreram de colegas e amigos, da escola e da comunidade.

[...] agora que já faz uns quatro ou cinco anos, não tem tanto [preconceito]. Mas no início o preconceito era demais. Ah, frutinha, não sei o quê, e isso e aquilo, e um monte de apelido. Agora não. Já acostumaram com a ideia, não falam tanto, mas no início, não. Até aqui na frente [de casa] eles passavam, não tanto criança, porque criança é criança, mas alguns adultos também falavam certas coisas. Conhecidos meus falavam ao vento, e tudo que se fala ao vento acaba chegando aos ouvidos da gente (Mãe de um dos meninos).⁷

Mostramos mais um caso de preconceito sucedido logo após o ingresso dos meninos no Projeto:

Antes havia preconceito. Chamavam de "bichinha", e eu dizia para ele: "o preconceito só existe na cabeça das pessoas. [Dançar] é o que tu gosta de fazer, então tu não tem que ir pelos outros". Ele tirou de letra. Não foi pelos outros. Às vezes ainda dizem para ele, mas ele não dava bola. Ele diz: Eu prefiro ser "bichinha" e estar dançando, do que estar nas esquinhas... (Mãe de um dos meninos)

Também foi possível perceber que o preconceito acaba afetando todos os indivíduos da família, atingindo principalmente os bailarinos, mas também há sofrimento e indignação por parte das mães.

Quando questionamos as mães dos meninos sobre a existência do preconceito na vida das crianças percebemos que, diferentemente dos pais, elas tinham maior conhecimento sobre os acontecimentos. Sabiam relatar detalhadamente. Quase todas as respostas das mães foram referentes à existência do preconceito. Porém, quando perguntamos aos pais, percebemos que eles não estavam tão inteirados a respeito dos fatos, pois a maioria relatou que não apareceram características nem de preconceito nem de discriminação.

Identificamos que os pais ficam mais encarregados com o trabalho e não se envolvem diretamente com os acontecimentos diários dos filhos, ao contrário das mães que sempre

⁷ Utilizaremos para transcrições de dados fonte Comic Sans MS, corpo 11 e itálico (Nota dos Editores).

encontram uma forma de atender ao lar, ao trabalho e também aos filhos. Isso pode estar diretamente relacionado com o que Walekerdine (1995) diz sobre o posicionamento da mulher como mãe. A autora relata que as mães agem como a estimuladora primária e fundamental do desenvolvimento da autonomia de seus filhos.

Outro fato que pode explicar a maior ligação das mães na vida dos filhos pode se dar pela constituição tradicional de família existente há séculos, a qual trata o marido como o responsável por trabalhar e sustentar a casa e a mulher como a responsável por cuidar dos filhos e do lar. Porém, percebemos que hoje há transformações neste aspecto. Negreiros e Féres-Carneiro (2004) e Féres-Carneiro (1995 e 2001) trazem uma percepção de um modelo novo de casamento e de família. As autoras dizem que no interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia da família.

As peculiaridades de cada membro do casal e as necessidades emergentes substituem a hierarquia por sexo ou faixa etária. O que demonstra que deveres e privilégios são compartilhados, bem como é enfatizada a atenção e pretendido o apreço aos desejos, às ideias e aos projetos dos filhos. Contudo, uma pesquisa realizada por estas autoras revelou que tais ideais parecem ter sido mais absorvidos pelas mulheres, que manifestaram frequentemente expectativas igualitárias, enquanto os homens mostraram-se mais apegados aos valores tradicionais (NEGREIROS e FÉRES-CARNEIRO, 2004). O mesmo aconteceu com nossa pesquisa.

Dentro da casa das famílias das crianças e jovens participantes do Projeto não foi relatada a existência de preconceitos, com exceção de um caso. A não manifestação do preconceito pode estar associada ao fato da família velar este tipo de comportamento. Ou, então, realmente não existe preconceito nessas famílias, o que acabou proporcionando à prática do *ballet* para os meninos.

O caso de preconceito que nos referimos no início partiu da avó de um aluno. A mãe de um bailarino, em determinado momento da entrevista, relatou:

É... a maior parte da família aceitou. A maior parte, porque a vó dele por parte de pai, que é das antigas, 'alemoa' tradicional, ai torceu o nariz [...] (Mãe de um dos meninos).

Embora hoje vejamos muitos avanços em relação ao preconceito contra homossexuais, percebemos que esta referência à raça alemã, tradicional, citada no depoimento da entrevistada, pode se dar devido aos resquícios de preconceito existentes desde a época da Alemanha nazista.

De acordo com Chueiri (2011, p. 1) “os homossexuais eram perseguidos e levados para os campos de concentração, onde recebiam um triângulo rosa para diferenciá-los”. Os nazistas não aceitavam a homossexualidade, já que através dela não é possível a reprodução, impossibilitando a perpetuação da “raça superior”. E mesmo após a libertação dos presos dos campos de concentração pelos aliados, os homossexuais lá internados não foram libertados, mas obrigados a cumprir uma pena, devido à legislação alemã, da época, considerá-los como criminosos.

Por outro lado, outra mãe contribui com nossa pesquisa demonstrando um posicionamento firme em relação às manifestações dos preconceitos, dando o seguinte depoimento:

Eu nunca deixo assim, porque preconceito tem. Tem preconceito porque é negro, pobre, alto, baixo e mora em vila. Mas se a gente for dá bola pra tudo quanto é tipo de preconceito, a gente nunca vai ser nada na vida (Mãe de um dos meninos).

Com base nas entrevistas foi possível observar que, na visão dos responsáveis pelos meninos que dançam, não há o pensamento de que a prática do *ballet* tenha alguma influência na orientação sexual dos praticantes. Stinson (1998) ressalta que a preocupação em defender esta questão se dá pelo fato de que tais ideias sobre homens e dança mantêm afastados os heterossexuais. A autora relata, ainda, que os profissionais envolvidos no ensino da dança apenas se manifestam sobre a questão da sexualidade de seus bailarinos falando que nem todos os homens na dança são *gays*.

O medo da homossexualidade – a própria ou a dos outros – realmente pode afastar potenciais estudantes de dança do sexo masculino. Entretanto, acho que o problema não é a homossexualidade, mas as atitudes que tantas pessoas adotam a respeito do assunto. E acho que contribuimos para esse problema toda vez que afirmamos para meninos ou para seus pais que nem todos os dançarinos são homossexuais e que eles não deveriam se preocupar com a possibilidade de que a dança, nas palavras de um jovem que entrevistei, fará qualquer um “virar *gay*”. Embora conheça muitos homens heterossexuais no mundo da dança, incluindo os cinco do corpo docente da minha universidade, e certamente não pense que a orientação sexual possa ser causada por qualquer atividade em particular, nossas reiterações inadvertidas e frequentemente enfatizam a ideia de que ser *gay* é algo com que nos devemos preocupar seriamente (STINSON, 1998, p. 58).

No entanto, Hanna (1999) lembra que a dança proporciona estímulos multisensoriais conjugados ao conhecimento e chama a atenção para a sexualidade, gerando emoções. Desta forma, os homossexuais são atraídos pela dança, pois, o mundo da arte oferece a eles uma oportunidade para libertar e expressar a sensibilidade estética emocional e erótica, um

isolamento da sociedade que em parte os rejeita, um espaço para a corte e uma arena que pode tratar de suas angústias e interesses.

Portanto, é importante entendermos que cada sociedade, ao seu tempo e ao seu modo, determina as suas representações, suas proibições e suas concessões. Este processo de construção humana não é neutro ou isento de intenções. Ele se dá em campos de disputa pelo poder-saber, tornando a sexualidade um campo político da vida humana (FURLANI, 2009). Este campo político é dominado por um discurso construído socialmente que define o que é aceito ou não. Porém, “a maior parte de nossos desejos parece incompatível com a maior parte das normas sociais estabelecidas” (GAIARSA, 1995, p. 24).

Outro fator relevante é que quase todas as mães, em algum momento de suas vidas, já pensaram em dançar *ballet*, o que pode ter refletido diretamente no incentivo para essa prática corporal a seus filhos. Além disso, todos os bailarinos envolvidos com o nosso estudo, de alguma forma, já se identificavam com a dança, seja por desejo de fazer aulas ou por já terem realizado alguma vivência. Furhmann e Andrade (2008) acharam resultados similares a estes. Na pesquisa das autoras tanto a transmissão de uma herança cultural, quanto o sentido identitário podem aproximar os adolescentes da dança. As influências familiares podem ser referências às atividades artísticas. Desta forma, as crianças e os adolescentes encontram um ambiente propício para desenvolver o gosto pela dança. Também percebemos que essas atividades corporais e artísticas, se estimuladas pelos responsáveis, podem se tornar muito especiais e significativas na vida dos bailarinos.

Segundo Hanna (1999) as razões pelas quais os indivíduos se dedicam à dança são variáveis. A autora diz que as oportunidades econômicas são importantes. No entanto, algumas pessoas buscam a pura alegria do movimento. O desejo de controlar a reação da plateia e o exibicionismo podem ser outros fatores. O exibicionismo pode ser uma forma de autovalorização mediante aos aplausos da plateia. A dança pode ser importantíssima para recuperar a autoestima relacionada a uma necessidade de aprovação dos outros.

Vale ressaltar que além dos preconceitos existentes em relação à sexualidade, esses meninos fazem parte de camadas menos privilegiadas economicamente e, por isso, a dança chega até eles como um forte componente para vencer barreiras e aumentar a autoestima.

Embora se perceba claramente as contribuições que o Projeto faz na vida dessas crianças, a SME não pode garantir sua continuidade, pois o mesmo deve ser renovado todo o ano, visto que não existe um convênio que garanta o Projeto por um tempo mais prolongado.

O Projeto depende também de interesses partidários de quem comanda o Executivo. Já que a gestão municipal é trocada somente de quatro em quatro anos, se faz necessário renovar o Projeto anualmente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o primeiro fator importante de se ressaltar é o maior comprometimento e incentivo por parte das mães dos meninos com as atividades escolares e extraescolares, enquanto os pais ficam encarregados de trabalhar, não se envolvendo diretamente com os acontecimentos diários de seus filhos. Além disso, os pais se mostraram mais resistentes quando eram convidados a falar sobre os filhos no *ballet*. Porém, mesmo com poucas palavras foi possível percebermos que eles estão satisfeitos com o resultado que os meninos vem obtendo através do Projeto. Há melhora nas notas escolares.

Ao analisar os relatos das famílias dos bailarinos percebemos que, apesar da existência de preconceitos, não identificamos a discriminação explícita nas falas dos responsáveis. Contudo, compreendemos que os preconceitos ainda existem, embora a maior parte não aconteça dentro da casa desses meninos, pois todos recebem o apoio de seus pais e/ou responsáveis para continuar dançando. O que apontamos neste estudo é o fato da existência do preconceito por parte de alguns colegas da escola, vizinhos e amigos com os quais os meninos se relacionavam na vila onde moram.

A pesquisa apresentou uma limitação. O fato de não termos conseguido contato com duas famílias. Um dos responsáveis relatou não ter tempo para conversar conosco. Na outra família, não foi possível fazer contato. Depois, a escola de *ballet* nos informou que realmente seria muito difícil conseguir falar com aquela família, que conta apenas com um telefone, o qual está sempre desligado. A mãe do garoto trabalha o dia inteiro, retornando apenas à noite para casa.

Ao finalizar esta pesquisa percebemos que ainda temos muito a discutir sobre a participação do homem na dança, pois é um espaço pouco explorado por pesquisadores sociais, e acreditamos que as informações reveladas neste estudo poderão servir para outras investigações.

Se quisermos "romper" com os estereótipos existentes, temos que começar por nós mesmos, permitindo que nossos alunos e/ou filhos realizem as práticas corporais e artísticas

que desejam. Partindo da premissa de que não se realiza um julgamento sobre as escolhas corporais e artísticas dos sujeitos, temos que ter consciência de que os interesses entre as pessoas são diferentes, de que não há uma escolha real e verdadeira para todos e que as diversas escolhas são construídas através das experiências de cada um.

Levando em consideração que para vencer o preconceito é preciso muita discussão e luta pelos direitos, compreendemos que ainda se faz necessário refletir e debater assuntos como este, de modo a acelerar o processo de aceitação social dos meninos que dançam.

É importante destacar, ainda, que as manifestações de preconceitos aqui relatadas aconteceram de uma maneira mais contínua no início do convívio das outras pessoas com os bailarinos, quando eles descobriram que os meninos faziam *ballet*. Depois de um tempo, as palavras agressivas, que antigamente tinham a intenção de ferir, desapareceram e deram o espaço necessário para que acontecesse a *magia da dança*.

THE MALE FIGURE ON CLASSICAL DANCE: FROM PREJUDICE TO LIFE ON STAGE

Abstract

The common sense is used to relating ballet, when not danced by girls, to homosexuality. This prejudice is reflected by the distance taken by boys who could fancy dancing it. As such, this study aims to discuss issues about gender relations and the possible prejudice existent concerning boys who dance classical ballet, from their parents' view. The methodology being used was qualitative-descriptive wise and was characterized as a case-study. The target public was parents from boys who dance ballet. For the data collection, a semi-structured interview was made with these parents, being one parent male and another female. As a result, it was noticed that the boys' parents or guardians show no prejudice, since these boys are supported to keep dancing. There are, however, evidences that part of society still show some prejudice towards this issue.

Keywords: Prejudice, Male Gender, Family, Gender, Ballet

PARTICIPACIÓN MASCULINA EN DANZA CLÁSICA: DEL PREJUICIO A LOS ESCENARIOS DE LA VIDA

Resumen

El sentido común suele relacionar el ballet, cuando no es bailado por niñas, con la homosexualidad. Este concepto refleja en el alejamiento de muchos niños que podrían gustar bailar. Siendo así, este estudio busca discutir cuestiones sobre las relaciones de género y el posible prejuicio existente en relación a los niños que bailan ballet clásico, a partir de la visión de los responsables. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo-descriptivo y se caracterizó como un estudio de caso. El público objetivo fueron los responsables por los niños practicantes de ballet. Para la recolección de los datos fue realizada una entrevista semi estructurada con los responsables, siendo uno del sexo masculino y otro del sexo femenino. Como resultado percibimos que los padres o responsables por los chicos no demostraron prejuicio, pues todos los niños reciben apoyo para continuar bailando. Hay, sin embargo, varios indicios de que parte de la sociedad aún presenta un comportamiento discriminador.

Palabras clave: Prejuicio; Sexo Masculino; Familia; Género; Ballet

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliano Souza. **Representações de masculinidades na dança contemporânea**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Editora Porto, 1994.
- BOURCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHUEIRI, Rodrigo Cunha. Homofobia: Preconceito nos Diversos Planos Sociais. *Pedagogia ao pé da letra: Educação sem homofobia*, 2011. Disponível em: <http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/homofobia-preconceito-nos-diversos-planos-sociais/>> Acessado em: 06 de outubro de 2012.
- DIAS, C. F. S. **A importância da psicomotricidade nas aulas de ballet para crianças de 4 a 6 anos**. 2006. 44p. Monografia. Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2006.

DOMINGUES, Josiane Vian; BANDEIRA, Eliel de Oliveira. Bailarinos na ponta pode: as masculinidades do ballet clássico. In: Simpósio Nacional de Educação Física, XXIX, 2010, Pelotas. **Anais do Simpósio Nacional de Educação Física**. Pelotas: ESEF/UFPel, 2010.

FALSARELLA, A. P.; AMORIM, D. B. A importância da dança no desenvolvimento psicomotor de crianças e adolescentes. **Conexões**, v.6, ed. especial, p.306-317, 2008.
FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal**. In: T. Féres-Carneiro. Casamento e Família: do social à clínica. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2001, p. 67-80

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casais em terapia: um estudo sobre a manutenção e a ruptura do casamento**. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, Rio de Janeiro, v.2, n.44, p. 67-70, 1995.

FERREIRA, Márcia Ondina Viera. **Direito social à educação: discutindo preconceitos e sexualidades na escola**. Conferência LGBT da Zona Sul – Preparatória à 2ª Conferência Estadual de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – Câmara Municipal de Pelotas. Novembro de 2011.

FUHRMANN, Ivana Vitória Deek. Uma coreografia coletiva: predisposições e razões para o ingresso na escola de dança. **Atos de Pesquisa em Educação**, v.3, n.3, p.521-531, 2008.

FURHMANN, Ivana Vitória Deek; ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. **A arte da dança como estratégia de educação complementar para adolescentes**. In: 31ª Reunião Anual da ANPED - Caxambu, MG. Constituição Brasileira, Direitos Humanos e Educação, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GE01-4843--Int.pdf>> Acessado em: 02/10/2012

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual**. 3ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GAIARSA, José A. **O que é corpo?** Editora Brasileira. 7ª Edição, 1995.

GARCIA, Ângela; HAAS, Aline Nogueira. **Ritmo e Dança**. Editora da Ulbra. 2.ed. 2006.

GATTAZ, A. C. **Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral**. In: Encontro Regional de História Oral/Sudeste-Sul, 1., São Paulo, 26, 27 e 28 de abril de 1995. p. 135-140.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GULAK, A. **Parâmetros fisiológicos, motores e morfológicos de bailarinas clássicas**. 2007. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual De Campinas, 2007.

HAAS, A. N.; GARCIA, A. C. D.; BERTOLETTI, J. Imagem corporal e bailarinas profissionais. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.16, n.3, p.182-185, 2010.

NASCIMENTO, D. E.; AFONSO, M. R.

HAAS, A. N.; PLAZA, M. R.; ROSE, E. H. Estudo antropométrico comparativo entre meninas espanholas e brasileiras praticantes de dança. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.2, n.1, p.50-57, 2000.

HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero**: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Tradução de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HELLER, Agnes. Sobre os preconceitos. In: _____. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 43-63.

KRAUSE, J. C. R. **Respostas cardiorrespiratórias, oxidativas e de lesão muscular em bailarinas após aulas e ensaios de ballet**. Dissertação (Mestrado em Atividade Física e Performance) - Pós-graduação em Ciência do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MATTOS, Mauro Gomes de; ROSSETTO JR., Adriano José; BLECHER Shelly. **Teoria e Prática da Metodologia da Pesquisa em Educação Física**: Construindo sua Monografia, Artigo e Projeto de Ação. São Paulo. Editora Phorte, 2004.

MEZAN, R. **Tempo de muda**: ensaios de psicanálise. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

NASCIMENTO, Diego Ebling do; NASCIMENTO, Flávia Marchi; OEHLSCHLAEGER, Maria Helena Klee. O homem na dança: um estudo comparativo do sexo masculino nos meios formais e não formais de ensino na cidade de Pelotas, RS. **Lecturas, Educación Física y Deportes**, Revista Digital - Buenos Aires, Año 16, N° 155, Abril de 2011.

_____; AFONSO, Mariângela da Rosa. **Corpos masculinos no ballet clássico**: configuração das estratégias familiares. **Dialogia**, São Paulo, n. 14, p. 101-112, 2011.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v. 2004 n.1 Rio de Janeiro jun. 2004.

PELOTAS. **Projeto Magia da Dança**. Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. 2009.

PRATI, S. R. A.; PRATI, A. R. C. Níveis de aptidão física e análise de tendências posturais em bailarinas clássicas. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v.8, n.1, p.80-87, 2006.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **Metodologia da pesquisa**: elaboração de projetos, trabalhos acadêmicos e dissertações em ciências militares. 2. ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2005.

SANTOS, Éderson Costa dos. **Um jeito masculino de dançar**: pensando a produção das masculinidades de dançarinos de hip hop. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Educação. Porto Alegre, 2009.

SCOTT, J. W. **Gênero**: uma categoria de análise histórica. Educação e Realidade. Porto Alegre, v.16, p. 5-22, jul-dez. 1990.

_____. **Preface a gender and politics of history.** Cadernos Pagu, n.º. 3, Campinas/SP, 1994.
Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/sites/www.pagu.unicamp.br/files/pagu03.02.pdf>> Acesso em: 07/04/2012.

SILVA, C. G.; PAULA, D. T. SIMÕES, R. D. Dança e etnia: os processos de inclusão na escola e na sociedade. **FIEP BULLETIN.** v. 81 – Edição Especial. Artigo II, 2011. Disponível em: <<http://fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/373>> Acesso em: 27 de agosto de 2012.

STINSON, Susan. Reflexões sobre a dança e os meninos. **Pro-Posições** – vol. 9 n. 2 (26) Junho de 1998. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/26-artigos-stinsonsII.pdf>> Acesso em: 03/10/2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Editora Atlas, 1987.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2 p. 207-226, jul/dez, 1995.

Data de recebimento: 13/02/2012

Data de aceite: 16/05/2013